

Orquidário



ORQUIDÁRIO

Livro Tombo n.º ... R.21

Obra n.º

..... *msnb*
Bibliotecário

Volume 6, n.º 1, 1992
Janeiro, Fevereiro, Março

DIRETORIA

Presidente: Raimundo A.E. Mesquita — Tel: (021) 224-2886
Vice-Presidente: Waldemar Scheliga — Tel: (021) 267-8384
Diretor da Área Técnica: Álvaro Pessôa — Tel: (021) 262-7738
Diretor da Área de Relações Comunitárias: Maria da Penha Fagnani — Tel: (021) 246-9868
Diretor da Área Administrativo Financeira: Yvan Lassance — Tel: 246-9872
Presidentes Anteriores: Edward G. Kilpatrick, 1986/87 e Álvaro Pessôa, 1987/90

DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamento: Ivana Zubic — Tel: (021) 225-0431
Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia — Tel: (021) 598-6644
Pesquisa, Cultivo e cursos: Carlos A. Gouveia
Biblioteca: Benedito Fabiano O. Aguiar. Assistente: Nancy Garcia
Sócios: Helena Eyer — Tel: (021) 295-9100
Eventos e Relações com Organizações Congêneres: Carlos Ivan da Silva Siqueira
Secretariado: Helena Eyer
Tesouraria e Finanças: Raul Couto
Patrimônio: Cypriano Lopes Feijó

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Alexis Sauer — Tel: (021) 225-4164
Membros: Felisodoro Bastos Nunes, Luis Clemente Ferreira de Souza, Carlos Eduardo de Britto Pereira e Roberto Agnes

REVISTA ORQUIDÁRIO

Editoria: Álvaro Pessôa e Roberto Agnes (021) 541-8361
Comissão Editorial: Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia e Raimundo Mesquita.

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro e é distribuída gratuitamente aos associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício Tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos, e nome do fotógrafo, devendo ser identificadas a autoria de desenhos e esquemas, apresentada, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o editor para ajuste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da revista é de propriedade da OrquideaRio, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de Direito Autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços:

- 1 — contribuição anual, pagável entre Abril e Junho, dos sócios fundadores, contribuintes e correspondentes: Cr\$ 35.000,00, ou 4 parcelas mensais sucessivas de Cr\$ 10.000,00
— vitalícios por faixa etária:

I — 30 a 39 anos: Cr\$ 161.000,00
II — 40 a 49 anos: Cr\$ 123.900,00
III — 50 a 55 anos: Cr\$ 99.120,00
IV — 56 a 60 anos: Cr\$ 86.730,00

V — 61 a 64 anos: Cr\$ 74.340,00
VI — 65 a 70 anos: Cr\$ 61.950,00
VII — 71 a 75 anos: Cr\$ 49.560,00
VIII — acima de 75: Cr\$ 37.170,00

- 2 — números atrasados, sujeitos à disponibilidade de estoque:

a) entre 1986 e 1988: Cr\$ 2.000,00
b) 1989/90: Cr\$ 2.500,00
c) 1991: Cr\$ 3.000,00

- 3 — Publicidade devendo o interessado fornecer o texto e lay-out

3ª capa: Cr\$ 97.500,00
Página inteira: Cr\$ 87.000,00
3/4 de página: Cr\$ 67.500,00
Meia página: Cr\$ 45.000,00
Quarto de página: Cr\$ 25.000,00
Oitavo de página: Cr\$ 11.000,00

- 4 — Overseas subscription rates:

1 year: US\$ 25,00 — 2 years: US\$ 48,00 — 3 years: US\$ 68,00 —
US\$ 33,00 — air mail US\$ 56,00 — air mail US\$ 74,00 — air mail

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor, Av. Pres. Vargas n° 583 — grupo 2.014, Centro Rio, RJ, CEP 20.071. Tel.: (021) 224-2886 — FAX (021) 507-1993.

Livro Tombo n.º P21

Obra n.º

28/05/92

Bibliotecário

Livro Tombo n.º *P.21*
 Orquidário, Vol VI, nº 1 Janeiro a Março de 1992
 Obra n.º

ÍNDICE

Artigos

— Mensagem	<i>Bibliotecário</i>	4
— Miranda, F — Duas espécies novas de <i>Constantia</i>		5
— Labollita, E — <i>Oncidium bifolium</i>		11
— Diversos — Ensaio Fotográfico		17
— Agnes, R — Secos & Molhados		21
— Gouveia, C — <i>Gongora</i>		24

Seções

— Pessoa, A — Perfis. Sebastião Nagase	27
— Scheliga, W — Como comecei	29
— Sementeira dos Sócios	30
— Perguntas e Respostas	33

Fotos e desenhos

— <i>Constantias</i> — Foto Francisco Miranda	5
Desenhos Maria Cristina Miranda	6, 8 e 10
— <i>Oncidium bifolium</i> — Egli Labollita	13, 14, 15 e 16
— <i>Cattleya amethystoglossa</i> , Alvaro Pessoa. <i>Vuylstekeara Cambria</i> 'Plush', William Sweet. <i>Phalaenopsis</i> Orchid World, Roberto Agnes. <i>Encyclia vespa</i> , Carlos Ivan da Silva Siqueira. <i>Bifrenaria harrisoniae</i> , Valentim Tavares Fernandes.	17, 18 e 19
— <i>Gongora galeata</i> — Roberto Agnes	24
— Perfis — Foto de Nagase, Sumio Nakashina. <i>Dendrobiums</i> , Alvaro Pessoa.	27 e 28
— Perguntas e Respostas	33

Nossas capas

Este número, que abre o ano de 1992 traz para o mundo orquidófilo duas novas espécies de *Constantia*. Era natural, portanto, exibisse uma destas plantas em flor, em fotografia de Francisco Miranda. Coincidindo com a desta edição é a época da floração de *Cattleya labiata autumnalis* e, por isto, a última capa mostra, em foto de Alvaro Pessoa, a planta que tanto apaixona os orquidófilos, num dos seus habitats, nas serras pernambucanas, vegetando nas rochas.

Nosso próximo Número

Coincidindo com a Conferência Mundial para o Meio Ambiente, a ECO-92, nosso número de Abril-Junho, será uma edição especial, dedicado às espécies brasileiras, ameaçadas. Além disso continuarão os artigos seriados e outros que, por falta de espaço, não puderam ser incluídos neste número.

MENSAGEM DA PRESIDÊNCIA

É

sempre bom fazer um balanço do ano que terminou, o que permite fazer as projeções para o período que se inicia.

Posso dizer, depois de feita a avaliação do ano orquidófilo de 1991, que tivemos, todos, um ano muito positivo, pleno de avanços, que permitem augurar um excelente ano orquidófilo em 1992.

Quando nos voltamos para o que foi o ano de 1991, em visão retrospectiva, sobressai a certeza de que a orquidofilia no Brasil saiu da letargia e, revigorada, cresce. Isso é uma evidência. Tivemos algumas grandes exposições, disseminadas por toda parte, e, isto, é muito importante, por que as mostras florais são, sem dúvida, momentos exponenciais da beleza florística e de fraterna convivência, como são importantes para que possamos atrair mais pessoas para, com elas, dividir essa atividade de lazer tão confortadora e sadia. Premiações, penso, são coisas circunstanciais. O que é permanente e que deve nos mover, para expor, é a satisfação pelo resultado do nosso esforço.

Estamos vendo a reativação, com ânimo novo, de antigas sociedades orquidófilas, que retomam suas atividades associativas, voltam a se reunir em torno de questões horticulturais e, até mesmo, científicas, retomam a publicação de boletins e informativos. Isto é muito bonito e muito bom.

A OrquidaRio, sem falsa modéstia, tem plena consciência de que tem tido um papel de relevo para esse renascimento, por que pôde, pela regularidade e qualidade do seu trabalho, agir como catalizadora das energias que estavam adormecidas.

Crescemos, também, e continuamos a crescer, o que evidencia, que existe o interesse orquidófilo, no Brasil, e que pode ser captado, desde que com esforço, sério e bem intencionado.

Esse ano, de 1991, viu nascer, em sua forma definitiva, PULCHRA, publicação anual, que, de maneira seletiva, completa e sublima tudo que vínhamos fazendo com Orquidário.

Vimos, também e já fora do âmbito da OrquidaRio, realizações de enorme importância, como o avanço da qualidade gráfica do Boletim da coirmã CAO — Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil, responsável pela guarda e preservação do que, de positivo e bom, existe na orquidofilia tradicional do país. Vimos, ainda, outras e mais outras realizações...

Fica evidente, ao contrário do que possam imaginar as mentes pequenas, que todos esses esforços não divergem, mas convergem e é com essa soma de compósitos que nós vamos fazer uma orquidofilia como deve ser feita, fraterna e democrática, em que cada um tenha o seu espaço. É com esse painel, tão diverso e rico, que, unidos, vamos fazer, no Brasil, a Conferência e Exposição Mundial de Orquídeas, a 15ª WOC, em 1996.

Por isso e para isso, saibamos nos preparar, dando, em 1992, os passos necessários, que são degraus para chegarmos a 1996, mas são, para todos nós, um fim em si mesmos, consciência da nossa capacidade de organização, para que possamos orgulhar-nos e justificar a nossa escolha para aquele magno evento.

E que, assim, sejam 1993, 1994, 1995, ad tempora... Mas não vamos esquecer, por outro lado, que esse ano de 1992 verá, aqui, a discussão do que queremos para o meio ambiente em que vivemos e, conosco, a orquídea. Nós vamos dar a nossa palavra, no nosso Número 2, deste sexto volume, expressando, em Edição Especial, a nossa visão do estado da orquídea, nesse planeta ameaçado. Prossigamos.

RAIMUNDO MESQUITA
Presidente

NOTAS SOBRE ALGUMAS NOVAS ESPÉCIES DE ORQUÍDEAS

Francisco E Miranda*

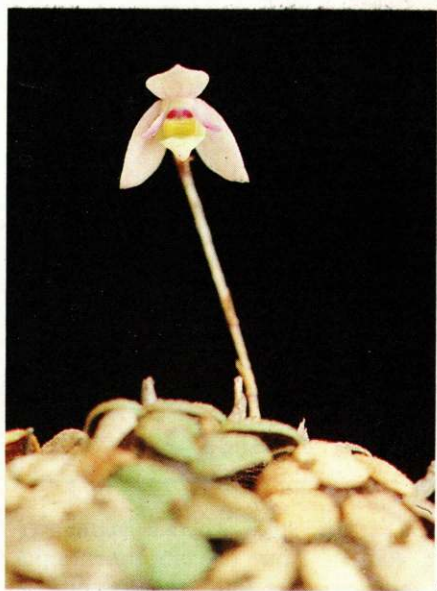
A idéia de apresentarmos este trabalho na revista Orquidário deve-se pura e simplesmente ao desígnio de divulgarmos estas espécies para o orquidófilo em geral. Isto porque, ao publicarmos estas novas espécies em periódico científico, tivemos em mente o fato de que muito poucos cultivadores têm acesso a este tipo de informação. Como se trata de espécies interessantes, ora por sua beleza, ora por suas particularidades morfológicas, achamos assim interessante comentá-las em foro orquidófilo. Há de se deixar bem claro que aqui não se trata da descrição das espécies, antes de uma transcrição do texto. Para tanto, foram retiradas citações de tipos e diagnoses latinos, que são encontradas nas descrições originais mas que são absolutamente desnecessárias (e mesmo um tanto maçantes!) para o orquidófilo. As

descrições e comentários foram transcritos na íntegra, para que se possa saber exatamente de quais espécies se tratam, e foram acrescentadas fotografias de todas as três, o que não poderia ser feito a cores na publicação original.**)

As três espécies aqui tratadas ocorrem em Diamantina, MG, e arredores. Uma das espécies de *Constantia* (*C. microscópica*) chega a ocorrer mesmo dentro da cidade. A maior novidade, entretanto, é o híbrido natural entre uma espécie de *Laelia* (*L. crispata*) e uma de *Encyclia* (*E. duveenii*). Até onde pudemos ter notícia, é o primeiro caso registrado de hibridação natural entre os dois gêneros. Deste modo, o notogênero precisou também ser descrito (*Albertoa* 3 (10): 93). Após este breve porém necessário intróito, os três Taxa são a seguir comentados.

Constantia microscópica Miranda in *Albertoa* 3 (10): 99. 30 dez 1991.

Rupícola delicatíssima entre as congêneres. Raízes filiformes, roliças exceto ao se aderir ao substrato, quando se achatam, com até 1 mm de diâmetro. Rizoma cilíndrico, extremamente curto, rígido, com 1 mm de diâmetro. Pseudobulbos arredondados, vertical e diagonalmente achatados desta forma dispondo-se decurrentes com o substrato, rugosos, pigmentados em púrpura-escuro, durante seu desenvolvimento revestidos por bainhas paleáceas que ao secar deixam apenas suas nervuras como vestígios, com até 5 mm de comprimento por 4 mm de largura. Folhas 2 raro 3 por pseudobulbo, parabólicas com base aparentemente cordada devido à inserção no pseudobulbo, espessas, com nervura central aparente, planas com bordos ligeiramente reflexos, fortemente verrucosas na



Francisco Miranda

Constantia microscópica

Rua Edson Passos, 4490
CEP 20531 — RJ.

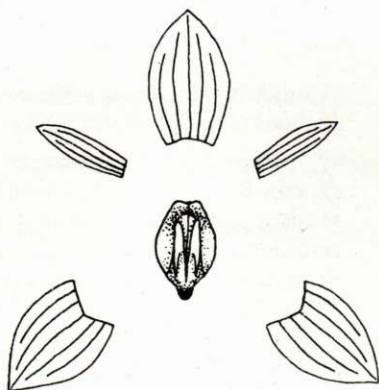
** A descrição da *Encyclaelia intermedia* Miranda, Gen. hyb. nov. será, publicada no próximo número.



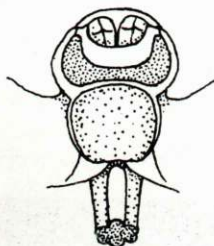
4 cm



2 mm



1 cm



Constantia microscopica Miranda

face exposta e apenas tenuemente rugosas na face protegida, aplanadas sobre o substrato e desta forma quase que escondendo totalmente os pseudobulbos, verde-médias, com até 6 mm de comprimento e 5 mm de largura. Espata lanceolada, aguda, assimétrica e ligeiramente ventri-

cosa perto do ápice, achatada lateralmente, com até 2 mm de comprimento por 1 mm de largura. Inflorescência uniflora, 2-anelada, muito longa para o gênero, com ráque cilíndrica e brácteas lanceoladas e agudas com até 2 mm nos anéis, com bráctea floral de até 2 mm de comprimento,

aguda, formando tubo que envolve o pedicelo, e com até 2,5 cm de comprimento e 0,5 mm de diâmetro, terminada em rudimento atrofiado. Flores róseo-alvacentas com pétalas róseas um pouco mais escuras, coluna amarela-esverdeada, antera purpúrea e labelo branco, com até 5 mm de largura; pedicelo e ovário angulosos, no total com até 6 mm de comprimento, 0,5 mm de diâmetro na porção de pedicelo propriamente dita e 0,8 mm de diâmetro no ovário, este com curvatura para baixo de modo a dispor as flores horizontalmente; sépalas elíptico-lanceoladas, agudas, carnosas, com até 4,5 mm de comprimento e 3 mm de largura, a dorsal plana, as laterais côncavas; pétalas lanceoladas, agudas, planas, com até 3,5 mm de comprimento e 1 mm de largura; labelo elíptico, em seu eixo formando quilha elevada carnosa longitudinal com 2 cristas pouco pronunciadas nos bordos e sulco central também pouco pronunciado, para o ápice giboso e mais carnoso e porções laterais depressas em relação à quilha central, com até 3,5 mm de comprimento e 2,3 mm de largura; coluna curta, alada, obtusa, um tanto achatada dorsalmente e assim apresentando seção elíptico-trapezoidal, aderida em sua base à base das sépalas por 0,4 mm, com alas laterais que em posição natural envolvem a quilha do labelo e desta forma decurrente com este e em sua metade basal apresentando cavidade circular profunda, com até 2,2 mm de comprimento e 2 mm de largura; antera globosa, frontalmente exposta, separada do estigma por rostelo bem desenvolvido em forma de membrana, com 8 políneas ovóides ligeiramente achatadas lateralmente e com curto estipe, cada uma em loja separada formando 2 grupos de 4; cavidade estigmática larga, em forma de sulco transversal, se estendendo pela face inferior das alas da coluna quando se volta para a frente, com até 0,6 mm de comprimento e 2 mm de largura. Fruto com perianto persistente, ovóide, rugoso, com linhas nítidas nas uniões e partes médias dos carpelos e cristas longitudinais rugosas entre estas linhas, com até 5 mm de comprimento e 5 mm de diâmetro.

Etimologia: do Latim *microscopicus* 'muito pequeno', referindo ao tamanho das plantas.

Esta pequena espécie de *Constantia* já era por nós conhecida desde 1986, quando as achamos em seu habitat natural por referência do naturalista e excelente observador Rolf Grantsau. É deveras interessante que alguém pudesse mesmo imaginar encontrar plantas tão pequenas nas condições em que vivem, já que se confundem com líquens que aderem às rochas. Além do mais, habitam faces verticais de grandes blocos de rocha, quase sempre no interior de grandes rachas ou fendas, desta maneira protegidas da insolação direta, frequentemente associadas e desta forma confundidas com os citados líquens. Esse parece ser o único modo das plantas sobreviverem aos rigores climáticos locais, já que as temperaturas diurnas são altíssimas, o vento contribui para a dissecação, e ocorrem frequentes períodos de seca na região. Com estas condições bem delineadas, o maior problema foi conseguir encontrar as plantas em flor, já que a fenologia da espécie mostrou-se bem marcada, com quase todas as plantas florindo ao mesmo tempo e em curto período. Este ano conseguimos finalmente encontrar as plantas em botão e assim trazê-las para florescimento em cultivo. A frutificação parece ser bem frequente, pois já há 2 anos temos observado plantas neste estado em boa quantidade no habitat.

As plantas são muito características por seu pequeno porte e por suas modificações morfológicas. A superfície exposta das folhas é extremamente rígida, verrucosa e áspera, e estas se mantêm aderidas aos pseudobulbos mesmo depois de secas, de modo que estes ficam bem protegidos e pouco visíveis. As hastes florais são muito altas para uma *Constantia*, chegando a mais de 2 cm. As flores são as menores do gênero, mas bem grandes, se considerarmos as dimensões das plantas. As flores são carnosas e não se abrem totalmente, o que é auxiliado pelo fato das sépalas laterais estarem aderidas à coluna por aproximadamente metade da extensão desta. Em termos de coloração, a variação parece se limitar à intensidade do colorido róseo-alvo e

da extensão e intensidade da linha rósea longitudinal mais escura nas pétalas. O labelo, elíptico com calosidade longitudinal extremamente carnosa, está aderido às arestas laterais inferiores da coluna em mais de um terço da extensão desta, o que aumenta a amplidão da cavidade. A coluna é anormalmente curta e larga considerando as outras espécies do gênero, e sua cavidade basal é muito profunda e ocupa mais da metade da superfície inferior. A área estigmática apresenta-se como fenda transversal estreita com as extremidades voltadas para a frente a ponto de quase atingirem os lados da antera. Os frutos são redondos e extremamente verrucosos, e o perianto persistente se conserva muito bem durante todo seu desenvolvimento, já que os segmentos, como dito, são muito carnosos. A espécie pode ser resumida como a de menor porte e hastes florais proporcionalmente mais altas no gênero, e as flores são as menores e mais carnosas no gênero *Constantia*.

Constantia cristinae Miranda in *Albertoa* 3 (10): 95. 30 dez 1991.

Rupícola pouco robusta entre as congêneres. Raízes filiformes, roliças exceto ao se aderir à rocha, quando se achatam, com até 2 mm de diâmetro. Rizoma cilíndrico, extremamente curto, rígido, com 1,5 mm de diâmetro. Pseudobulbos arredondados, vertical e diagonalmente achatados desta forma dispondo-se decurrentes com o substrato, rugosos, um tanto pigmentados em púrpura, durante seu desenvolvimento revestidos por bainhas paleáceas que ao secar persistem ainda por algum tempo tornando-se esbranquiçadas e desfazendo-se em 2-3 estações de crescimento, com até 1,1 cm de comprimento por 1 cm de largura. Folhas 2 por pseudobulbo, ovato-lanceoladas, agudas, com base aparentemente cordada devido à inserção no pseudobulbo, espessas, com nervuras aparentes em forma de cristas verrucosas, planas com bordos ligeiramente reflexos, verrucosas na face exposta e apenas tenuemente rugosas na face protegida, aplanadas sobre o substrato e desta forma quase que escondendo totalmente os pseudobulbos, verde-médias, com até 7 mm de comprimento

e 6 mm de largura. Espata lanceolada, aguda, assimétrica e ligeiramente ventricosa perto do ápice, achatada lateralmente, com até 4 mm de comprimento por 1,5 mm de largura. Inflorescência uniflora, 1-2 anelada, muito curta mesmo para o gênero, a ponto de ser quase sempre mais curta do que a espata, com ráque cilíndrica e brácteas lanceoladas e agudas pouco desenvolvidas com até 1,5 mm nos anéis, com bráctea floral de até 2 mm de comprimento, aguda, formando tubo que envolve o pedicelo, e com até 4 mm de comprimento e 0,8 mm de diâmetro, terminada em rudimento atrofiado. Flores rósea-intensas com coluna purpúrea, antera purpúrea-escura e labelo róseo com quilhas amarela-alaranjadas, com até 1,3 cm de diâmetro; pedicelo e ovário angulosos, no total com até 1 cm de comprimento, 1 mm de diâmetro na porção de pedicelo propriamente dito e 1,5 mm de diâmetro no ovário, este com curvatura para baixo de modo a dispor as flores horizontalmente; sépalas lanceoladas, agudas, um tanto reflexas, as laterais unidas na base em uma extensão de até 2,5 mm e falcadas para o ápice, com até 9 mm de comprimento e



Constantia cristinae Miranda
Aquarela: Maria C. Miranda

4,5 mm de largura, pétalas oblanceoladas, agudas, planas a ligeiramente côncavas, dispondo-se mais para a frente do que as sépalas a ponto de formar entre si um ângulo menor do que 90 graus, com até 9 mm de comprimento e 3,8 mm de largura; labelo com metade basal trapezoidal se alargando para o ápice e porção frontal semicircular com bordos ondulados, em seu eixo com 3 quilhas longitudinais, as 2 laterais iniciando como elevações lisas no terço basal, juntas uma à outra depois progressivamente se separando mas ainda paralelas, se tornando mais estreitas e fortemente verrucosas, não chegando a atingir a porção média da parte frontal, a mediana e central originando-se no ponto de divergência das laterais e se estendendo fortemente verrucosa até quase atingir o ápice do labelo, no total com até 7,5 mm de comprimento e 5 mm de largura; coluna curta, alada, obtusa, apresentando no terço basal cavidade longitudinalmente elíptica um tanto profunda e com curto pé que se une à base do labelo e das sépalas laterais formando curto tubo, um tanto achatada dorsalmente e assim apresentando seção elíptica-trapezoidal, aderida ainda lateralmente em sua base à base do labelo por 1 mm, com alas laterais pouco desenvolvidos que em posição natural se dispõem quase paralelas ao labelo e assim decurrentes com este, com até 5,5 mm de comprimento e 2,3 mm de largura; antera globosa, frontalmente exposta, separada do estigma por rostelo bem desenvolvido em forma de membrana, com 8 políneas trapezoidais ligeiramente achatadas lateralmente e com curto estipe, cada uma em loja parcialmente separada formando 2 grupos de 4; cavidade estigmática larga, em forma de sulco transversal lunado, se estendendo pela face inferior das alas da coluna para a frente, com até 1 mm de comprimento e 2,2 mm de largura. Fruto não observado.

Etimologia: homenagem a Maria Cristina Miranda, exímia ilustradora botânica e primeira pessoa a encontrar no habitat exemplares floridos da espécie.

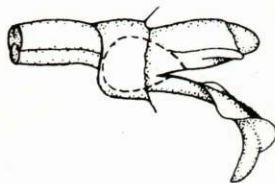
Esta segunda espécie de *Constantia*

encontrada nos arredores de Diamantina foi descoberta há uns 2 anos passados, sem flores. Como em *C. microscópica*, as plantas são difíceis de serem encontradas, mas a partir de então, mostram-se relativamente comuns em seu habitat. O seu modo de vida é quase que exatamente igual ao de *C. microscópica*, apenas que habita locais um pouco mais expostos, como as faces laterais de grandes blocos de rocha, mas ainda assim não expostas à insolação direta por muito tempo. As dificuldades para encontrar a espécie florida desde então foram as mesmas que para a outra espécie citada. As condições climáticas sendo as mesmas, o resultado é uma época de floração curta e bem marcada, neste caso no final do Inverno, coincidindo com a elevação de temperatura. A frutificação aqui parece ser bem mais rara, não tendo sido observada neste meio tempo.

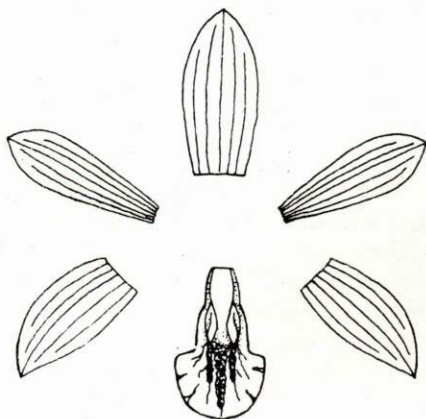
Quanto ao porte vegetativo, podem ser consideradas como medianas para o gênero. As plantas são aproximadamente do mesmo tamanho que em *Constantia cipoensis*, às vezes um pouco menores. As folhas, entretanto, tem uma estrutura um tanto intermediária entre as desta e as de *C. microscópica*, sendo verrucosas mas nem de perto no mesmo grau das desta última. Estas folhas não são carnosas como as de *C. microscópica*, e as nervuras são salientes como em *C. cipoensis*, mas em maior grau. Podemos considerar as folhas de *C. cristinae* como intermediárias entre as das 2 outras espécies. A haste floral é ainda mais curta do que em *C. cipoensis*, freqüentemente sendo mais curta do que a espata. As flores são aproximadamente do mesmo tamanho e têm a mesma textura que as de *C. cipoensis*, e se abrem totalmente, mesmo com as sépalas laterais estando aderidas à coluna em sua base. A coloração é de rosa intenso, e a antera purpúrea e as quilhas alaranjadas do labelo produzem um efeito muito ornamental. O labelo está aderido à coluna apenas em pequena extensão, e este curto tubo forma ainda um tenuemente aparente “pé” na coluna. As quilhas bem desenvolvidas no labelo são bem características na espécie, tornando-as facilmente distinguíveis do restante do gênero. A coluna é longa e apresenta seção



4 cm



1 cm



1 cm

Constantia cristinae Miranda

subtriangular, mais típica para o gênero e bem diferente de em *C. microscopica*. A cavidade basal é elíptica e relativamente pequena. A superfície estigmática é uma fenda lunada com as extremidades voltadas para a frente até às laterais da antera.

Esta é conicacircular e projeta-se bem para a frente.

Constantia cristinae, pelo porte compacto e colorido brilhante de suas flores, pode ser considerada entre as mais ornamentais no gênero.

FORMAS DE *ONCIDIUM BIFOLIUM*, TIPO E VARIEDADE MAJUS

Egli Labollita*

(trad. Raimundo Mesquita)

Em algumas viagens ao interior da Argentina, aproveitei a oportunidade que se me oferecia para obter orquídeas nativas, entre as quais os *Oncidiums* de que tratarei. Isto me permitiu vê-los em seus habitats, crescendo e multiplicando-se em locais de diferentes condições climáticas e estabelecidos nos mais variados suportes.

Eu os vi na selva de Misiones, sobre rochas, espalhando suas raízes entre musgo e terra solta, em plena sombra. Também sobre árvores altas, de madeira dura, como, ainda, de cortex mais macio, expostos a pleno sol, como sob luz do sol tamisada pela folhagem. Observei, primeiro, diferenças de tamanho e forma, dos pseudobulbos, como das folhas e trouxe a impressão de que tais diferenças de formas se devia ao meio onde vegetavam.

Pude, no entanto, verificar que as formas diversas eram algo inerente às próprias plantas, pois ofereci a todas um substrato absolutamente igual.

Tendo presente as diferentes épocas de floração fui documentando, em gráficos, as diferenças encontradas. Os desenhos que mostro foram elaborados à vista, exclusivamente, de plantas que possuo em cultivo e com a finalidade de, no correr dos anos, acompanhar sua evolução e comprovar a permanência das diferenças existentes entre elas.

Os gráficos das flores pertencem à floração de 1968/69, indicando-se se houve diferenças nas de 1969/70 e 1970/71.

Habitat

As plantas foram obtidas em duas Zonas principais, que chamarei de "Lito-

ral", ao tratar das áreas de influência dos grandes Rios Paraná e Uruguai, e de "Norte", que refere às Zonas Centrais do país, longe daqueles dois grandes cursos d'água.

Nessas áreas, as temperaturas variam entre 5°C, negativos, no Inverno e 45°C, ou mais, no Verão, com umidade relativa do ar entre 30% e 98%.

A altitude vai do nível do mar até 700 metros.

As variações que sofre a temperatura em qualquer época do ano são bruscas, acontecendo quedas de até 15°C no Verão após temporais e chuvas.

Apesar da resistência das plantas com respeito à diversidade climática e outros agressores, como insetos, pragas etc. são elas de cultivo um tanto difícil e as que vi com melhor aparência geral, são as achadas na selva, em estado silvestre, ou as que são cultivadas em jardins, em árvore viva, sem o menor cuidado, pois a maioria dos proprietários nem mesmo sabe que se trata de orquídeas.

A partir dessas observações, como de um estudo anterior que realizei e, ainda e sobretudo, com recurso à experiência de cultivadores que conheço, pude chegar à conclusão, sem pretender, porém, seja isto a última palavra, de que o clima não é fator importante no desenvolvimento das plantas, mais, ao revez, o é o substrato em que as plantamos, e isto deve ser tido em conta, pela importância que tem e os resultados obtidos.

Em ordem de importância os resultados mais satisfatórios foram obtidos com árvores vivas, toros de madeira com casca rugosa, palitos de xaxim, de 10 a 15cm de diâmetro, cestos de madeira, tendo, como substrato, casca de madeira picada.

As plantas em cultivo preferem pleno Sol ou Sol tamisado, deixando de florir

* Egli Labollita é Presidente da Sociedade de Amigos de Orquídeas de la Rep. Argentina
Av. Santa Fé 2965 — 10-B — Capital
CEP 1425 — Buenos Aires — Argentina

quando em muita sombra. Florescem na Primavera.

Oncidium bifolium tipo

Com rizoma muito curto forma touceiras, com pseudobulbos de até 3cm de altura por 2cm de diâmetro na seção mediana. Em geral tem 2 folhas de 10 a 13cm de comprimento por 1 a 1,5cm de largura. Haste floral de até 20cm de comprimento, simples, ereta, com até 10 flores de cerca de 3cm de diâmetro. Sépalos inferiores unidos até duas terças partes do comprimento, de cor amarela limão com manchas marrons.

Pétalas muito semelhantes aos sépalos e labelo arredondado, com forte amarelo, limão ou ouro.

Planta nº 2

Consideramos esta como tipo, sendo eleita entre 8 muito semelhantes entre si, colhidas em zonas diferentes.

Planta nº 5

É bem semelhante em todas as suas características, à planta tipo com segmentos mais largos e as máculas marrons distribuídas de forma diferente. O labelo possui, na parte superior, lobos de 4 a 5mm de diâmetro, e é muito ondulado nas bordas.

Planta nº 13

Os pseudobulbos são algo achatados, as folhas mais longas, não tão rígidas e onduladas nas bordas, tendo uma leve tendência para crescer para baixo, para, logo, torcer as folhas em busca de luz. Os segmentos florais são de maior tamanho, mais manchados e o labelo é trapezoidal com a base maior próxima do disco.

Planta nº 8

É de menor tamanho que a tipo, incluindo as flores, com segmentos pontilhados e com finas linhas próximas da base. O labelo tem cor amarela limão clara.

Oncidium Bifolium Var. Mjus

De porte comparável ao Onc. Vari-cosum, tem rizoma de 2 a 3cm de comprimento, pseudobulbos de 4 a 7cm de comprimento por 4 a 5cm de largura na parte mediana. Geralmente, com duas folhas, raramente, com três, de 25 ou mais cm, de comprimento, por 1,5 a 2cm de largura, flexuosas. Haste floral comprida, flexuosa, ramificada com flores de 4 ou mais cm de diâmetro de cor amarelo limão ou ouro com segmentos amarelos limão maculada de marrom.

Planta nº 1

Foi eleita como tipo, entre outras, inclusive plantas originárias do vizinho Uruguai.

Planta nº 12

Similar à tipo, o labelo é de maior tamanho e muito ondulado nas bordas.

Planta nº 10

Os lobulitos na parte superior do disco do labelo são quase nulos e a largura desta é menor.

Planta nº 5

Os pseudobulbos são de maior tamanho e algo cônicos na parte superior. As folhas de maior tamanho e os segmentos de cor amarela limão com máculas que quase não podem ser diferenciadas da cor de fundo. Labelo de grande tamanho e de cor amarela limão pálido. A planta é sumamente atrativa pela delicadeza de seu conjunto, quando está em flor.

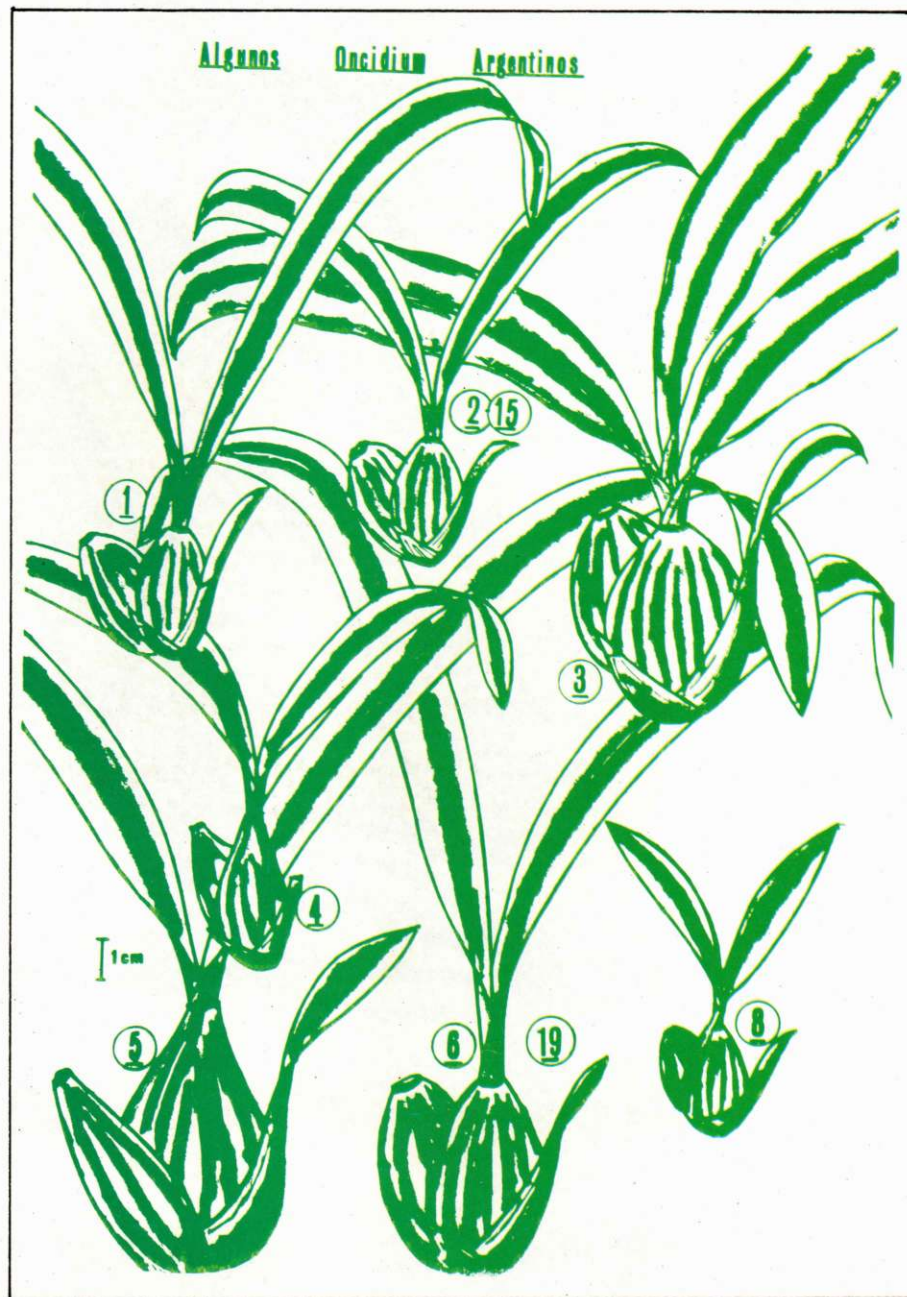
Planta nº 18

Lobos, laterais ao disco do labelo de maior tamanho e de labelo mais arredondado.

Planta nº 9

Flores de grande tamanho com labelo mais quadrangular. Lobos do disco do labelo de maior tamanho e com base plana.

Algunos Oncidium Argentinos





Planta nº 6

Como planta a situamos no Grupo *majus*. O labelo, porém, é comparável ao do *Onc. varicosum* em tamanho e cor. Esta planta foi obtida de cultivo e seu dono deu, como origem presumível, o Chile. Pessoalmente creio isso improvável, pois não tenho notícias da existência de orquídeas epifitas no Chile. Como estava plantada entre um *Onc. varicosum* e um *Onc. bifolium* var. *majus* em uma mata haviam quase 10 anos e, tendo vindo de nossa província de Formosa, creio mais provável que esta seja sua origem.

O número, tamanho e cor de suas flores fazem-no muito atrativo e digno de estar em cultivo.

Outros Oncidiumus

São muito similares ao tipo *majus* embora os pseudobulbos sejam mais compridos, delgados e geralmente tenham 3 folhas. A época de floração, é o final, de Verão.

Planta nº 17

Os bulbos mais compridos, com geralmente três folhas, têm as flores ligeiramente diferentes das do Grupo *majus* com o disco do labelo mais afunilado.

Planta nº 16

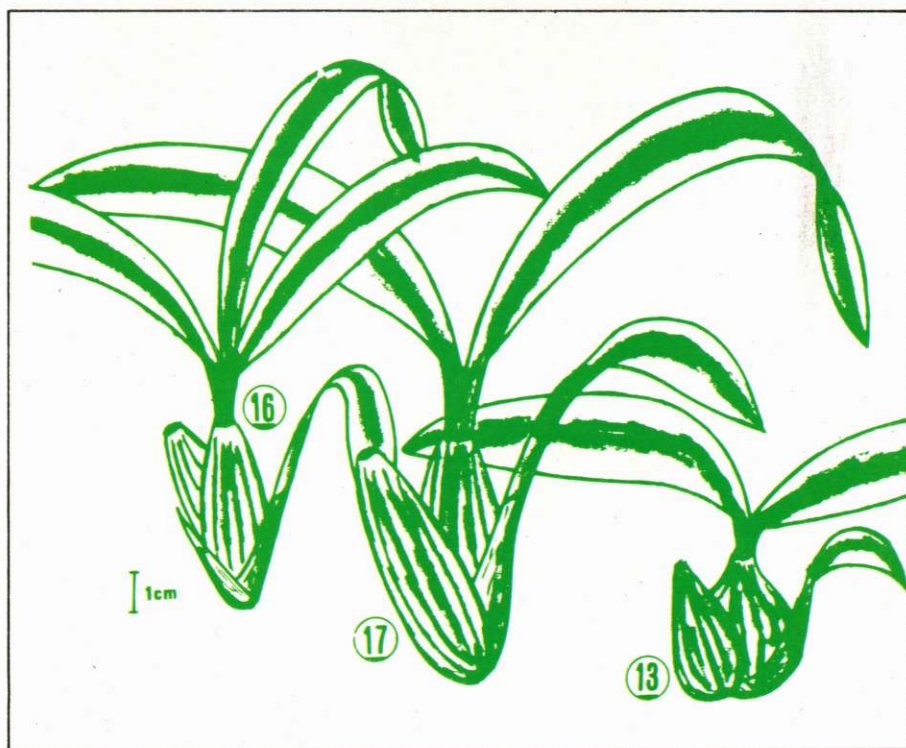
Similar à anterior, é, contudo, de menor tamanho, com mais quantidade de flores, também de menor tamanho e de cor amarela mais pálida.

Planta nº 7

De maior tamanho que as anteriores, com sépalas inferiores mais compridas, com manchas distribuídas de forma diferente e cor marron chocolate, quase púrpura.

Planta nº 14

Muito diferente das outras plantas analisadas, de bulbos tão altos quanto largos, algo achatados, rugosos, com duas folhas compridas, rígidas que chegam a lem-



brar as de *Phalaenopsis* e com flores muito similares às da planta de nº 17.

Planta nº 3

Com pseudobulbos mais redondos e com os sépalos inferiores unidos somente em décima parte do comprimento total, maculados com manchas de cor intensa e de grande tamanho.

Planta nº 4

Planta similar ao *Onc. bifolium* tipo, tem os pseudobulbos cônicos. O labelo, menor, que não chega a 2cm com os segmentos inferiores muito separados nas extremidades.

Planta nº 11 *Oncidium bifolium* var. *federal*

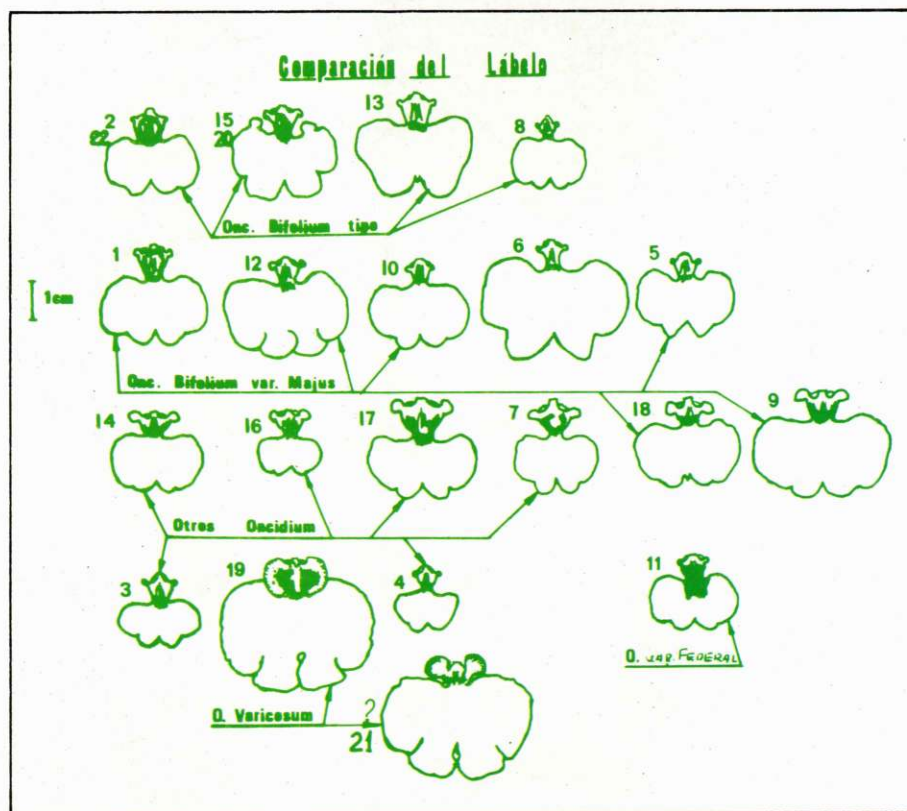
Esta planta se incluiu nos gráficos já que, ao ser coletada, estava sem flores e tem

o mesmo porte do *Onc. bifolium* tipo.

A haste floral também é similar, em tudo, mas os segmentos muito mais largos são de cor púrpura, marginados de uma fina linha amarela quando as plantas estão em pleno Sol. O labelo tem uma mancha púrpura próxima do disco do labelo, o que lhe confere um aspecto sumamente interessante e decorativo. Este *Oncidium* é sumamente raro e não conheço outros cultivadores que o possuam. Também é difícil de encontrar, pois, à distância, é impossível diferenciá-lo de *Onc. bifolium* tipo.

Planta nº 19 *Oncidium varicosum* tipo var. *rogersii*

Coletadas nas barrancas do Rio Paraná, em nosso "litoral", foi incluída para comparação com os *Oncidium*s estudados. Provavelmente produzido de sementes provenientes de algum cultivador.



VISÕES DA ORQUÍDEA, EM FOTOGRAFIA



Cattleya amethystoglossa

cultivo: Orquidario Binot

Alvaro Pessoa

A câmera fotográfica, diz-se, é um aparelho que nos permite fixar um instante, que se eterniza, já destituído da sua dinâmica, apagado do seu tempo.

É de convir, porém, que a fotografia, seja ela qual for, não é apenas produto do instrumento fotográfico, como não é também, somente o registro daquilo que se escolheu para fotografar.

Na fotografia, resultado de um processo físico-químico, está presente a visão do fotógrafo e não é desatinado dizer que, até mesmo, a sua personalidade, a sua maneira de ver e de expressar. Em suma, a fotografia, como linguagem e forma de arte, é o modo como o artista procura externalizar a sua mensagem. Vale dizer que a câ-

mera, para o fotógrafo, tem a mesma função, instrumental, que os pincéis, para o pintor, e os instrumentos de escrita, sejam eles quais forem, para o escritor.

Há quem diga que a melhor fotografia é a mais fiel ao objeto fotografado, a mais realista. Permitido, porém, seja dizer que a foto realista não existe, por que: primeiro, o modelo não é, nem pode ser recriado, mas é transposto para um outro plano de realidade, um filme; segundo, porque o modelo, o objeto da fotografia, foi selecionado, e julgado pelo fotógrafo e, por isto, ganha em destaque, recebe uma exclusividade que não tinha no lugar onde estava (vejam os fundos escurecidos, para que nossa atenção se fixe apenas naquilo que o fotógrafo quis que vissemos, atente para os outros artifícios usados, obje-



Vuytskeara Cambria 'Plush' cultivor: William Sweet

William Sweet

para que a luz destaque aqueles detalhes que, a ele, merecem ser considerados.

Vejam a foto de flores pequenas, quanta coisa a gente vê que passa despercebida quando contemplamos o verdadeiro objeto, a flor real.

Este ensaio fotográfico que estamos mostrando, para deleite dos nossos leitores, ao instante do lançamento do nosso concurso de fotografias e de desenhos, é bem ilustrativo do que venho dizendo. Lançamos os concursos para estimular os nossos sócios em mais estes campos da cultura orquidófila, como, também, para aumentar o conjunto dos nossos ilustradores, que queremos espalhados por todo Brasil, para que a visão das nossas publicações, Orquidário e, sobretudo, PULCHRA, tenha abrangência nacional.

E, pelo menos, um fotógrafo, Valentim Tavares Fernandes, nosso sócio em Santa Catarina, já mostrou a sua força, brindando-nos, entre outras fotos que enviou, com uma *Bifrenaria harrisoniae*, que não é planta do mais fácil cultivo, muito bem florida e, sabemos que orquídea só floresce bem, quando bem cultivada.

As demais fotos são dos Juizes do Concurso: Alvaro Pessoa, William Sweet, Roberto Agnes e Carlos Ivan da Silva Siqueira, todos fotógrafos eméritos e, também, cultivadores, o que equivale a dizer

to inteiramente focado, e o resto fora de foco, ou difuso etc. etc.); terceiro, porque, na foto, o que está, por inteiro, é o artista.

Vejam a foto de uma orquídea. O que está ali não é a orquídea, mas sua recriação em plano artístico, mesmo quando a intenção do autor foi, meramente, documentária, assim como era e como é o desenho botânico, feito com pincel ou com pena de nanquim. O artista quer ensinar-nos a ver como ele vê e, por isso, compõe, no sentido artístico da palavra, seleciona, estuda o melhor ângulo, arruma o objeto, busca um fundo neutro, para que nossa atenção se concentre e não se disperse. Como na pintura, o fotógrafo procura pôr a luz, a iluminação, a serviço da sua criação,



R. Agnes

Phalaenopsis Orchid World.

cultivo: R. Agnes



Valentim Tavares Fernandes

Bifrenaria harrisoniae

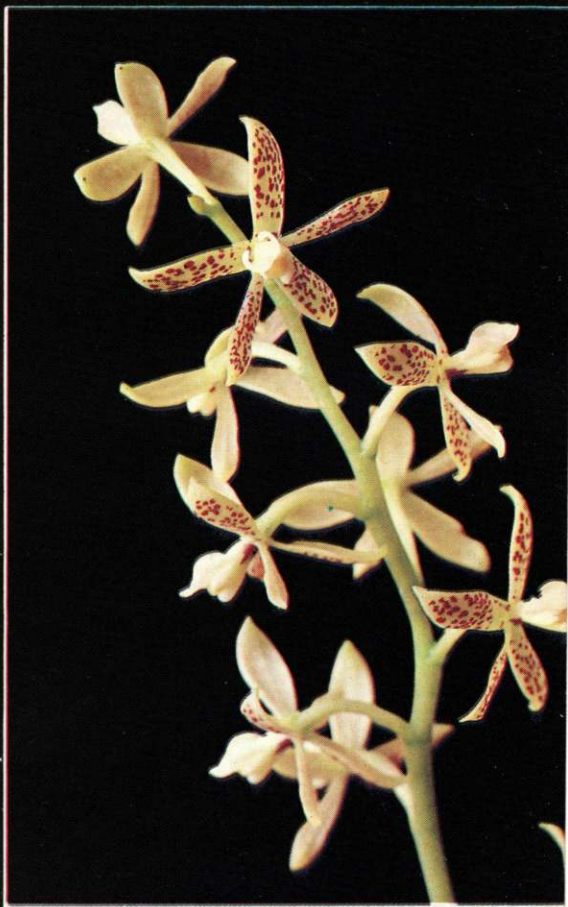
cultivo não identificado

que só se fotografa bem aquilo de que se gosta.

Alvaro Pessoa está entre os mais apurados colecionadores e cultivadores, que conheço, do gênero *Cattleya* e, por isso, quando solicitado a nos mostrar uma foto sua que reputasse entre as melhores, escolheu a *Cattleya amethystoglossa* a que, em serena visão, (e só se tem serena visão com aquilo que se sabe irrepreensivelmente belo e que se conhece bem, julgando com escala de valores), dedica uma verdadeira ode, em negro, rosa e ametista. Curiosamente (o que aumenta o valor da foto), a planta fotografada não é de seu cultivo, mas do Orquidário Binot.

Já os outros, mostram suas preferências e nos trazem plantas de seu próprio cultivo.

William Sweet, o Bill, tem uma visão tensa e dramática de *Vuytstekeara*, o que fica inteiramente aparente na foto da *Vuyt.* Cambria 'Plush', com o fundo azul e a muita luz que se espalha, sobre todo o conjunto, dando um certo ar de irrealidade que é um pouco a nossa reação ante o



Carlos Ivan da S. Siqueira

Encyclia vespa

cultivo: Carlos Ivan da S. Siqueira

requintado bordado do extraordinário labelo dessa flor. Bill tem outras fotos dessa mesma flor, com fundo preto e menos luz, mas nenhuma obteve o efeito onírico que ele buscava.

Roberto Agnes nos indicou como sua melhor foto uma de *Phalaenopsis Orchid World*, já publicada, como todos viram, em PULCHRA e, portanto, dizia ele, já sem originalidade. Mas lá falamos da flor, aqui falamos da foto.

Roberto é profissional de restauração de obras de arte e, por isso, tem visão pictórica, na geometria, nos volumes, nas cores, na distribuição da luz. Como orquidófilo, tem uma indisfarçada preferência por *Phalaenopsis*, sobretudo os de forma rigorosa e próxima da perfeição, com as cores e substância de antepassados como *Phal. violacea*. Unindo as duas coisas deu-nos uma foto escultórica, quase emblemática, de uma flor que está entre as suas preferidas. Vejam com atenção o uso da luz.

Por último Carlos Ivan. Por último apenas por que, como em qualquer texto, temos que seguir uma ordem. Quando nos apareceu, filiando-se à Orquidário, descobrimos que era e é, fotógrafo profissional de jornal cotidiano. Com essa bagagem, em pouco tempo figurava entre os melhores de orquídeas. Em breve todos veremos fotografias suas no Awards Quaterly, da AOS, por que foi o escolhido para registrar as premiações dadas em julgamento regional da entidade norte-americana, quando da segunda Expointer, de São Paulo.

Carlos Ivan tem um gosto especial por colecionar *Epidendrum* e *Encyclia*. A sua emoção externa-se inteira na foto vibrante de uma dessas plantas, de onde se tira uma sensação de voo e de movimento para o alto, que bem registra o nome que lhe deram os taxonomistas, *vespa*.

Às fotos.

RAIMUNDO MESQUITA



A sugestão de um artigo sobre rega trouxe-me a lembrança de minha primeira incursão — desastrosa — ao mundo das orquídeas. Posso somente atribuir ao destino o fato de ter sido esta primeira planta uma espécie brasileira, no caso uma *Encyclia fragrans*.

De posse de uma tal preciosidade, mas destituído de qualquer noção do que com ela fazer, o meu primeiro pensamento foi o de tentar recriar o ambiente da “selva brasileira”, para que pudesse, assim, cultivá-la. Como qualquer garoto de onze anos, os filmes de aventura me fascinavam e as lembranças do último que assistia trazia-me à mente imagens de uma selva cerrada onde chovia quase que ininterruptamente. Não é preciso fantasiar muito para se lembrar dos filmes tipo “Tarzan” com cenários de matas impenetráveis, tendo uma fera atrás de cada tronco e com flores eternamente cobertas por uma fina camada de orvalho. Bela cena de filme mas com resultados, previsíveis, para quem fosse tentar recriá-la. Impulsionado por esta fantasia comprei um vaso bem grande, um saco de terra das mais escuras e ricas em húmus e coloquei a planta num canto onde a luz do Sol não poderia queimar suas delicadas folhas. Depois da primeira encharcada, a orquídea foi regada com a frequência com que um bebê recém-nascido é amamentado por uma mãe super protetora. Suas folhas nunca deixaram de ter uma cobertura de gotículas de água.

Imaginem meu desespero quando, depois de uma semana de tanto carinho, as folhas começaram a amarelecer, passando para o marrom até ficarem reduzidas a

uma massa podre. Eu fizera tudo do jeito certo! Será que os filmes mentiam?! Não querendo me dar por vencido, consegui outra planta. Dessa vez no entanto armei-me com um livro sobre cultivo, conseguido na biblioteca local. A minha surpresa não poderia ser maior: eu teria que mudar todos os meus conceitos sobre o cultivo dessas fascinantes plantas.

Tenho certeza de que este relato terá provocado um sorriso ao cultivador mais experiente, afinal qual de nós não passou por algo semelhante até acertar a dosagem?

A rega de orquídeas sempre foi um assunto bastante discutido, pois as variáveis são tantas que torna-se impossível estabelecer uma regra absoluta para o seu bom funcionamento. Tenho aprendido, por experiência, que a observação cuidadosa das plantas aliada a uma boa dose de bom senso são as melhores regras para se evitar qualquer “desastre”, fazendo com que a rega torne-se algo simples e não um bicho de sete cabeças.

Um grande problema com o que nos defrontamos é que nenhuma outra planta integra família tão extensa e variada quanto as orquídeas, onde cada tipo diferente requer um tratamento próprio.

A primeira e mais importante regra é a de que as plantas só deveriam ser regadas na medida que fôsse necessário, do mesmo jeito que nós só bebemos quando temos sede. Não adianta, também, querer dar água somente quando isto nos for conveniente, pois deste jeito corremos o risco de secá-las demais ou molhá-las em excesso.

No início, a tendência é achar que a planta está sempre precisando de um pouco mais de água. Cria-se então o hábito de regá-las um pouco a cada dia. Isto não poderia ser mais errado, a superfície do subs-

* Rua Alberto de Campos, 107/302, RJ

trato pode até estar seca, mas dentro do vaso existe ainda bastante umidade que não foi absorvida pelas raízes.

Um indicador simples é o peso do vaso: deixe a planta ficar bastante seca. Ao levantar o vaso você o sentirá leve. Regue-o bem, deixando a água escorrer. Ao levá-lo de novo sentirá que seu peso aumentou sensivelmente. Esta diferença de peso é portanto um excelente indicador. É observando-se o tempo que leva o vaso para secar que se começa a ter uma noção da frequência com que a planta precisa ser molhada. Naturalmente isto só pode ser feito quando a pessoa tem poucas plantas.

Outro indicador bastante simples é enfiar o dedo dentro do substrato perto da borda do vaso, ele pode estar seco na superfície, mas, pode ainda, estar bem úmido no fundo. (Obviamente a superfície vai secar com mais rapidez pois está exposta à luz e ao ar.)

As estações do ano são um fator importante. Toda orquídea tem um ciclo vegetativo que segue basicamente as mudanças das estações. Em quase todos os casos o novo broto inicia-se na primavera e cresce até o final do Verão. Após esta fase a planta desacelera o seu desenvolvimento e entra em fase de descanso durante o Inverno. Na medida que estiver em crescimento ela precisará de mais água, não só para sustentar o desenvolvimento do novo broto mas também para repor a água perdida na transpiração que, em época quente, é acelerada. Com a chegada do Outono, o broto já terá terminado de se desenvolver e não haverá necessidade de rega tão frequente. No Inverno com a planta em repouso e com dias e noites mais frios a absorção de água torna-se mais lenta, ainda, e a planta precisa de menos água. Em alguns casos como, por ex., *Catasetum* e *Dendrobium*, tipo *nobile*, é necessário manter, no Inverno, a planta quase que completamente seca. Por outro lado, plantas que não têm pseudobulbos, por ex *Phalaenopsis* e *Paphiopedilum* precisam ser regadas, se bem que com menos frequência do que no verão.

Seria quase que impossível tratar aqui das necessidades de cada gênero, todavia o cultivo (e rega) de alguns dos gê-

neros mais populares já foi descrito em edições anteriores da revista Orquidário.

O tipo de vaso usado vai influenciar diretamente a frequência com que se rega. No Brasil, o vaso de barro continua sendo o mais usado por cultivadores. Ele tem a vantagem de ser poroso, a água evapora através dele, o que evita até certo ponto o risco de apodrecimento do substrato e das raízes. É necessário prestar bastante atenção aos vasos pequenos pois o substrato tende a secar com bastante rapidez. Um outro tipo de vaso comumente usado é o de xaxim. Tem-se que tomar cuidado com esse vaso em lugares de umidade elevada pois ele retém muita água e a rega deve ser bem controlada; especialmente no Inverno quando o nível de evaporação é baixo. Já observei casos onde o vaso continuava bem úmido durante até duas semanas, o que poderia criar problemas de bactéria e apodrecimento, não fosse a rega bem controlada. Vasos de plástico estão se tornando cada vez mais populares. São leves, duráveis e fáceis de limpar para fins de novo uso. A rega muda sensivelmente em relação aos vasos de barro: o plástico é impermeável o que impede a evaporação através dele e o substrato permanece então úmido por mais tempo. Rega-se portanto menos em relação a vasos de barro do mesmo tamanho evitando assim o excesso de umidade. Por esses motivos é sempre aconselhável manter juntos vasos do mesmo tamanho e tipo, quando o tipo de orquídea permitir.

Também o substrato usado deverá ser levado em consideração. Quanto mais aberto (e arejado) ele for, mais rápido ele secará. No Brasil o xaxim continua sendo o substrato preferido por ser ainda de fácil acesso e manuseio. O xaxim tende a segurar bastante umidade em sua parte inferior na medida que fica mais velho. Se a planta tiver um sistema radicular saudável e bem desenvolvido não encontrará dificuldades em absorver umidade. Caso contrário a água tenderá a se acumular, causando uma aceleração da ação bacteriana que acabará por degenerar o xaxim até que ele vire uma massa encharcada. Algumas pessoas já estão usando piaçava, pois ela tende a secar mais rapidamente do que o xa-

xim, e as plantas, em geral, precisam ser regadas com mais freqüência.

O tamanho da planta influenciará diretamente a quantidade de água necessária. Uma planta grande com várias frentes precisará de mais água do que uma divisão de três bulbos. Quanto mais folhas a planta tiver, maior será a área de transpiração, umidade que precisa ser repostada. 'Seedlings' pequenos também deveriam ser mantidos juntos pois seus vasos costumam ser bem pequenos e tendem a secar com mais rapidez.

Naturalmente deve-se manter um equilíbrio para evitar dar água em quantidades excessivas ou insuficientes, pois, de um lado, o substrato muito seco terá dificuldade em absorver umidade e a água tenderá a se canalizar dentro do vaso escorrendo assim sem molhar. Por outro lado, o substrato mantido encharcado começará a apodrecer e não somente tenderá a destruir o sistema radicular da planta como criará problemas de bactéria que poderão matar a planta.

É bem conhecida, a anedota do novato que, tendo regado em excesso sua planta, nota que ela desenvolveu uma aparência desidratada. Achando que a planta não estivesse recebendo água suficiente ele torna a lhe dar mais água. Na verdade a planta desenvolveu esta aparência por já ter perdido suas raízes, em função de um substrato provavelmente decomposto, ficando impossibilitada de absorver a água que ela tanto precisava.

Talvez esteja na hora de reexaminar aquelas suas plantas um pouco desidratadas!...

Por último é natural que plantas recém divididas e replantadas precisem de um regime de rega um pouco diferente. Não adianta regar excessivamente pois as raízes tendo sido cortadas não têm o mesmo poder de absorção. Aliás esse excesso poderia até danificar as raízes que se iniciam logo depois do replante. Devo lembrar que cada uma dessas variáveis se relaciona intimamente, cada tipo de substrato reagirá diferentemente em função do tipo de vaso usado, que por sua vez influenciará a freqüência da rega. Um vaso de plástico com substrato de xaxim demorará mais tempo para secar do que um vaso de barro com o mesmo substrato...

Criando-se o hábito de regar segundo um esquema organizado, suas plantas se adaptarão melhor ao seu lugar de cultivo. É perfeitamente compreensível não se estar com vontade de regar a coleção, porque está quente demais, porque temos algo mais a fazer etc., mas devemos lembrar que a cada vez que isto acontece diminuirão as chances de obter aquela bela floração que aguardamos todo ano.

Finalizando, seria desnecessário acrescentar que minha segunda planta sofreu o mesmo destino que a *Encyclia*. Nem os filmes nem os livros podem ser culpados. Isto faz parte do processo de tornarmos-nos orquidófilos. Todavia, quando o garoto de onze anos foi ver seu próximo filme tipo "Tarzan", ele o fez com um toque de ceticismo. O desfecho não poderia ser outro, apesar de árvores, plantas e flores aparentemente 'pingarem' umidade, os heróis sempre continuaram 'secos'.

Nada como a fantasia de um bom filme.

ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º

Obra n.º

Bibliotecário

MEU GÊNERO PREDILETO

Carlos A A de Gouveia*

Há muito tempo que eu vinha pretendendo iniciar uma série de artigos como este que agora o leitor começa a ler. Não nego que a inspiração me veio do Boletim da American Orchid Society. Pensava eu: aí temos uma seção à qual todo mundo pode contribuir, se manifestar, nada mais gostoso do que falar de suas paixões, suas origens e evolução, seus afetos e rejeições. Ninguém precisa ser um “expert” para discorrer sobre seu coração.

Finalmente me resolvo e, mãos à obra, vamos cometer o artigo. Surge então o grande problema: qual é a minha espécie predileta? Falar de *L. purpurata*, *C. labiata* ou *C. intermedia* seria, além de brutal risco (os purpurateiros, labiateiros etc. me comeriam vivo), soaria falso como uma nota de sete cruzeiros. Escolher uma micro talvez atendesse à expectativa geral, mas também muito tedioso e não sei se seria capaz de tirar uma espécie do bolo. Existem tantas espécies que me tocam que tenho a sensação de que seria necessário um livro e não um artigo para esgotá-las.

Não, esta é uma tarefa inexequível. E agora? Bom só me resta apelar, se espécie não consigo, talvez um gênero seja factível.

Quem sabe *Oncidium*? Carlos Eduardo de Britto Pereira que nos perdoe, mas não. *Miltonia*, *Cymbidium*, *Odontoglossum*, *Masdevallia*, meu ambiente ao nível do mar não permite ter (que pena, penso logo). *Phalaenopsis* não gostam muito de mim. E *Brassavola*? Gosto mui-



Gongora galeata cultivo: Jardim Botânico do Rio de Janeiro

R. Agnes

to do gênero, tenho várias espécies, seria uma boa opção e seria o selecionado se eu não tropeçasse num vaso caído no meio das minhas plantas. Lá estava uma *Gongora nigrita* e, pronto, estava feita a escolha.

* Afonso Ribeiro, 112 CEP 21021 Rio — RJ

Dizem que amor sem reciprocidade não é amor, mas obsessão. Eis aí um caso de amor de mão dupla. Como nos damos bem! Mas não foi amor à primeira vista. Minha primeira *Gongora*, uma *buffonia*, eu comprei no início da febre orquidófila, quando a gente quer ter tudo sem nem saber o que está comprando. Três bulbos, apenas um com folha, sapequei a infeliz num toco de xaxim e a pus de dieta em pleno sol. A agonia foi curta. Após o assassinato, lavrei a sentença: não se pode criá-las no Rio de Janeiro. Poderia estar aí mais uma dessas injustiças, mas a sorte me sorriu uma vez mais. No meio de uma leva de plantas que encomendara a um orquidário paulista incluí uma *Gongora quinquenervis* para completar o valor mínimo de compra. Chegou uma muda com quatro bulbos, dois sem folha. Coloquei-a em um vaso e na sombra por serem os únicos locais disponíveis.

Um dia vou passando, e aquela planta que estava a meses quieta sem dar sinais de vida, lançava duas hastes. Minha surpresa foi verificar que dali, tive vinte e quatro flores graciosas e de aroma inconfundível (de cravo). Surpresa mesmo foi quando os próximos bulbos começaram a brotar — eles tinham o dobro do tamanho, quer em comprimento, quer em largura. No ano seguinte tinha eu cinco hastes, a maior delas com trinta e oito flores!

Chegou então às minhas mãos uma *Gongora buffonia* trazida de São Paulo por uma diletta amiga. A coitadinha foi vítima de um ataque de um filhote de cão que quase a destruiu. Dois anos depois, já duas hastes surgiam e tome flor. Finalmente consegui uma *Gongora nigrata* de um conhecido que desmontava seu orquidário. Ela estava em péssimas condições sanitárias, tive de trocar o substrato que já se decompunha em farelos. A planta se dividiu em dois pedaços, mais um bulbo que se desgarrou. Uma das metades ficou sem uma única folha. O bulbo solitário começou a soltar raízes e os dois pedaços vieram a florir, cada um com duas belas hastes. Como explicar tamanha prodigalidade, a não ser por uma paixão mútua?

Bem, vamos falar um pouco sobre as

plantas, afinal esta é uma revista de orquidófilos, não um folhetim. O gênero foi descrito em 1794 por Ruyz e Pavon, que dedicara seu nome a Don Antonio Cabellero y Gongora, Bispo de Cordoba na Espanha.

Guido Pabst enumera seis espécies do Brasil, *G. buffonia*, *G. quinquenervis*, *G. atropurpurea*, *G. minax*, *G. nigrata* e *G. unicolor*, mas só conheço, em cultivo, as três a que já me referi no texto. A literatura cita cerca de vinte e cinco espécies, ao todo, espalhadas do México ao Brasil.

São plantas eminentemente epífitas de bulbo ovalado e bem vincado. As folhas medem até 40cm de comprimento e têm cerca de 10cm de largura, sendo sempre bifoliadas. A inflorescência é axilar, nascendo junto à base dos bulbos.

O gênero é da aliança de *Stanhopea* e *Coryantes* o que é facilmente perceptível pelo formato das flores. Assim como elas, as *Gongoras* têm as hastes pêndulas, mas não necessitam ser cultivadas em “cachepots”, mas sim a uma certa altura para que sua haste possa crescer sem problemas.

Suas flores são todas muito parecidas, com um característico formato que lembra um pássaro voando. As flores de uma haste abrem todas ao mesmo tempo, formando belíssimo arranjo, com um aroma a que é impossível ficar indiferente.

Na natureza essas flores costumam ocorrer a médias altitudes, mas parecem preferir climas mais quentes. Elas gostam muito da umidade e arejamento, sendo recomendável luz moderada.

Seu cultivo não exige maiores cuidados, sendo apenas necessário, além dos anteriores mencionados, adubá-las bastante, principalmente durante a fase de crescimento dos bulbos. Após a maturação dos mesmos, diminua a rega e adubação, mas não as suspenda, uma vez que as flores só virão depois. Um pouco de paciência, e suas hastes surgem. Atenção, proteja-as, são frágeis e podem abortar caso esbarrem em algum obstáculo.

Uma planta com menos de quinze flores deve ser considerada medíocre, só sendo premiável uma planta com pelo menos vinte flores em uma única inflorescência.

cia. Plantas especiais só aquelas capazes de produzir um mínimo de três hastes com mais de quarenta flores em, pelo menos, uma das hastes. Caso você veja plantas apenas com os bulbos novos com folhas, pode ter certeza de problemas de cultivo, minhas *gongoras* definitivamente não são deciduas, ao contrário formam frondosas folhagens.

Quem nunca viu uma *Gongora* em flor, não sabe o que perde, espero que essas linhas resgatem e ajudem a fazer justiça a essas poucas conhecidas jóias da natureza.

Aguardo, também, que o preclaro leitor tome coragem e nos conte de suas predileções. A definição por um gênero se deveu à fraqueza do autor, creio que espécie de gênero, família ou mesmo híbrido, se você tem algum caso passional, escreva. Eu já estou pensando em contar para todos qual o meu preferido.

E, caso algum dos que me lê tenha disponível uma *Gongora atropurpurea* ou outra espécie, brasileira ou não, não se constranja em me enviar. Tenho certeza de que seremos, eu e a *Gongora*, felizes para sempre.

Seja um sócio atuante da OrquidaRio. Colabore com artigos e fotos. Consiga novos sócios, promovendo as revistas Orquidário e Pulchra.

Contate a Diretoria para sua publicidade institucional se você produz ou comercializa plantas e acessórios para orquídeas e seu cultivo.

Participe do Concurso de Fotografia. Leia as instruções na Carta Mensal de Janeiro de 1992.

Adquira da sua sociedade:

Manuais da OrquidaRio:

- I - Iniciação à Orquidofilia - Cr\$ 1.800,00
- II - Pequeno glossário de termos orquidófilos - Cr\$ 2.000,00
- A Orquídea (Algumas Noções Básicas), I e II, de Osmar Judice Cr\$ 1.000,00

Mostre o seu orgulho de pertencer à OrquidaRio exibindo no seu carro o novo adesivo da sua sociedade, que só é vendido aos sócios, por Cr\$ 1.500,00.

Escreva-nos para a Av. Pres. Vargas 583, Grupo nº 2014, Centro, Rio, RJ - CEP 20.071, Fax (021) 507-1993.



Sumio Nakashima

Quando me iniciei na orquidofilia na metade dos anos setenta, pelas mãos fecundas de Rolf Altenburg, falava-se muito no “japonês dos *Dendrobiums*” e na qualidade de suas cruzas. O próprio Rolf, que então os produzia, reconhecia que o japonês era um craque.

Para muitos militantes da cultura orquidófila no Brasil, penso que a figura do “japonês dos *Dendrobiums*”, ficou envolta na mística e no mistério durante muitos anos e por duas razões. Primeiro, porque só recentemente a colônia orquidófila japonesa (na trilha dos ensinamentos de Morita - o gênio oriental que criou a Sony) abriu-se e revelou-se mais um pouco. Segundo, porque a personalidade do nosso Sebastião Nagase, porque é dele que falo, é dotada de uma “mineiridade” e uma discreção toda especial. Pouco se mostra ou aparece, mas, paradoxalmente, exerce grande e significativa liderança.

Foi só no Inverno de 1980, que a figura física de Sebastião Nagase materializou-se em Teresópolis. Levado por Sumio Nakashima, em nosso amor comum pela natureza, lá fomos os três, em dia agradabilíssimo, visitar *Sophronitis coccinea*, em plena floração na Serra dos Órgãos. A frequência de nossas expedições às matas aumentou, ampliamos os passeios até Minas Gerais e minha admiração por

SEBASTIÃO TOHURO NAGASE

Nagase só fez crescer. Foi aliás nas trilhas das matas, caminhando para pescar em companhia de seu pai, quando ainda menino, que lhe veio o gosto pelas “parasitas”. Recolhia as plantas no caminho e as plantava nas árvores da casa paterna, matando-as, segundo ele mesmo, honradamente confessa, em grande número.

Sebastião Nagase é nisei (segunda geração). Seu pai e sua mãe migraram na década de vinte do Japão para o Brasil (então a terra da promessa) e ele aqui nasceu tendo-se formado em Direito mas nunca exerceu a profissão. É um dos muitos brasileiros que nos legou a cultura japonesa, e que ajuda, com sua grandeza e seus patrimônios genéticos, a cimentar a unidade política e cultural do país, nos seus enormes contrastes e paradoxos.

Seu nome brasileiroíssimo homenageia um advogado amigo do seu pai. Casado com uma descendente de italianos, Sebastião Nagase constituiu uma bela fa-



Den. Toshiro Kobayashi

cultivo: Álvaro Pessoa

Álvaro Pessoa

mília. Amigo sincero e leal, navega com imensa habilidade, e sem se arranhar, nos diversos campos minados onde constituem a orquidofilia brasileira.

Mas foi com seus *Dendrobiums* a partir de 1970 que projetou o nome do Brasil no exterior. Criou e registrou dezenas de híbridos, e é realmente curiosa sua disciplina de trabalho. Trabalha 48 horas seguidas sem dormir, semeando e repicando, para só então voltar ao descanso. Dou ainda aqui um testemunho: com suas maneiras finas e delicadas, transita com desenvoltura (e impecável apresentação) tanto após um dia inteiro na floresta como nos mais finos restaurantes japoneses.

Numa das próximas exposições da AOSP, na Liberdade, em São Paulo, quando desejar conhecê-lo, procure por ele. Mas procure bastante. O brasileiro-mineiro, matreiro e sábio, trabalha muito e discretamente. Não gosta de aparecer. Mas é um dos pilares da orquidofilia paulista e um orgulho para o país.

Quando Nagase inicia os trabalhos de aprimoramento, os *Dendrobiums*, tipo *nobile* floresciam em setembro. Cruzando plantas de floração precoce e floração tardia, conseguiu-se ampliar o período floral, de tal sorte que hoje temos plantas florindo desde Agosto até Novembro.

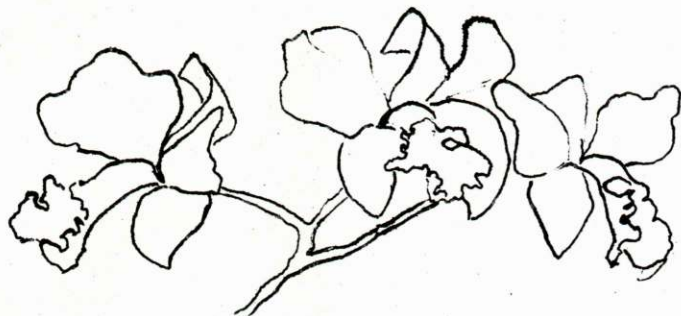


Álvaro Pessoa

Den. Hambühren Gold x Golden Blossom
cultivo: Álvaro Pessoa

Na mesma linha de inovar, observa-se que os híbridos de Nagase portam quase sempre três e muitas vezes quatro flores por haste, o que aumenta o nível de beleza da floração. Finalmente, a intensidade dos vermelhos, os duplos tons de amarelo, a textura das flores e sua forma, fazem dos seus híbridos um grande sucesso.

Por Álvaro Pessoa



JÁ VAI BEM LONGE...

Waldemar Scheliga*

O primeiro contato que tive com orquídeas, foi lá para os fins da década de 20, em São Paulo. Meu tio Abílio cultivava algumas *Laelias purpurata* e *Cattleyas intermedia* no fundo do quintal, para desespero de minha avó que achava que tais "parasitas" davam azar e atrasavam a vida. Tio Abílio não se perturbava e foi prova viva de que o preconceito corrente sobre ser a orquídea planta aziaga não é verdadeiro. Prosperou na vida e morreu bem velho. Tive ocasião de acompanhá-lo às reuniões de orquidófilos, viajando prosaicamente de bonde, cada qual com um vaso de orquídea no colo, fazendo a maior sensação entre os demais passageiros. Dele recebi a primeira lição de que orquídeas são epífitas, nada tendo a ver com parasitas.

Mas, ainda não foi naquela época que a "Mosca da *Cattleya*" me ferrou. Minha família mudou-se para o Rio de Janeiro e não pensei mais em orquídeas.

Na década de 40, quando construí casa de veraneio em Teresópolis, tive novo encontro com orquídeas. Ao preparar o jardim da nova casa, alguns meninos vieram oferecer mudas de plantas decorativas e, entre elas, vieram algumas orquídeas que, amarradas às árvores foram vivendo e florescendo sem maiores cuidados. Mais tarde, numa velha pereira apareceram espontaneamente tufos de *Oncidium pumilum* e *Oncidium raniferum*. Em seguida descobri no alto de um esguio ipê uma touceira de *Oncidium crispum*. Isto foi despertando cada vez mais o meu interesse por essas fascinantes plantas e, em pouco tem-

po, possuía um pequeno plantel que, depois que me aposentei, foi rapidamente aumentando e seu cultivo passou a ser o passatempo preferido. Com a aquisição de livros especializados, nacionais e estrangeiros, assim como as lições aprendidas com os acertos e desacertos do dia a dia, fui aprimorando os métodos de cultivo. Mesmo assim, cheguei à conclusão de que em matéria de trato com orquídeas, volta e meia deparamos com surpresas e portanto ninguém pode se considerar cultivador perfeito e acabado; porque mesmo como "macaco velho" a gente de vez em quando ainda dá algumas mancadas, sendo mais uma lição que se aprende e, também por isso, as orquídeas nos subjugam, ao nos desafiarem a cuidá-las!...

Desde a minha aposentadoria, há já 16 anos, posso me dedicar inteiramente a essa paixão que tornou-se o centro do meu interesse e lazer, livrando-me do tédio que costuma atormentar os inativos.

Com o falecimento de minha querida mulher, não havia mais razão para manter sozinho a casa de Teresópolis e, assim, dividi o acervo transferindo toda a coleção de plantas cultiváveis em clima quente para a casa do meu filho em São Conrado e as que gostam do frio levei para Petrópolis onde reside minha filha. Desta forma passei a praticar diferentes métodos de cultivo, não só quanto ao clima, como também devido a diferentes instalações. No Rio as plantas ficam ao ar livre em vasos pendurados nas árvores. Em Petrópolis existe uma estufa e um ripado coberto de sombrite.

Desde então, passo 4 dias no Rio e 3 em Petrópolis, não só cuidando de orquídeas, mas, também desfrutando o carinho de meus filhos, netos e bisneto.

SEMENTEIRA DOS SÓCIOS

Um dos nossos sócios, lá de Roraima, pedia-nos outro dia notícias desta seção e nos perguntava se havíamos cortado o direito de palavra dos sócios, embora, dissesse ele que nada tinha a reclamar, sugerir ou perguntar, a não ser defender o direito dos sócios de terem o seu canto.

Caro Ubirajara Alves, não suprimimos a seção, nem tiramos a tribuna dedicada aos sócios, como, aliás, toda a revista que a eles, essa enorme e fraterna pleiade de amigos, é destinada. Simplesmente não nos chegavam cartas que justificassem inserção. Agora temos muitas que instigam à publicação e é por isso que a seção se chama "sementeira".

"Permita-me dar uma sugestão para sua revista ORQUIDARIO — que está cada vez melhor — e pergunto: por que vocês começam nova numeração de páginas em cada edição? Não seria mais prático numerá-las continuamente durante o ano inteiro? Isso também facilitaria a pesquisa, i. é a futura procura de uma determinada citação.

Outra sugestão é colocar no índice dos títulos o nome do autor do artigo, porque geralmente ou na maioria das vezes a gente se lembra do nome do autor, mas, não do título do artigo".

"No 'impressum' também deveria constar o endereço completo dos responsáveis."

Manfred Wollf
Alemanha

Prezado Manfred, duas de suas sugestões foram acolhidas: já neste número o Índice inclui, também, o nome do autor de cada texto publicado; igualmente, a numeração das páginas de cada número levará em consideração que os 4 números de cada ano formam um volume e, assim, a numeração de páginas será seqüente. Agora, incluir endereço de cada responsável

vel parece-nos desnecessário, já que o expediente da revista contém o endereço dela, e, além disso, cada artigo indica o endereço do autor.

OrquidaRio

"Infelizmente tudo chega fora do tempo e em nada há justificativa, por quê? A revista está em crise? Qual?"

"A Revista OrquidaRio, vol. 5, nº 4, Outubro, novembro e dezembro, 1991, in p. 06, ou seja, pp. 05-09, traz "O gênero Stanhopea...", inclusive, bem mencionando quanto ao conteúdo. Contudo, com muita humildade, quero retificar alguma coisa, em se tratando de "Ocorrência", como menciona a mesma, in p. 06, quando diz o seguinte, "... ocorrem na região costeira do Brasil, inteiramente isoladas das demais espécies de outras partes do país. O habitat é limitado a uma faixa relativamente estreita ao longo da costa dos Estados Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, desde o nível do mar, até altitudes de aproximadamente 500m. As plantas vegetam como epífitas ou raramente, como terrestres, em matas ralas relativamente secas e sempre em locais meio sombreados."

Tenho algumas plantas de *Stanhopea* em pleno crescimento, coletadas nas matas do Pará, em região bem úmida e com bastante sombra, próximas ao córrego. A ocorrência não é grande, de fato, porém, está situada em lugares de mata forte e alta, só, que a *Stanhopea* situa-se em árvore de porte frágil, próxima ao chão. Em casa é cultivada em placa de xaxim, com bastante água, em local meio sombreado. Flore duas vezes ao ano, com o mesmo vigor. É uma var. *candida* muito bonita e perfumada."

Padre Marcelino de Melo
Imperatriz, Maranhão

A revista está em crise, sim, caro Pe. Marcelino, mas de crescimento, no bom

sentido grego da palavra, como sabem os humanistas que são os padres. Vivemos um dilema: a OrquídaRio, mercê de um esforço sério, vem crescendo rapidamente e todos nós, os responsáveis por dirigi-la, sentimos que está chegando a hora de organizar-lhe uma administração profissional, já que toda a nossa vida associativa, até agora, tem sido mantida à base de trabalho gracioso dos que a animam. Sabemos, contudo, que estruturar-nos administrativamente em bases empresariais tem um custo expressivo, que teríamos de repassar às anuidades dos sócios. É por isso, que ainda temos alguns pequenos atrasos. Agora, o atraso do último número, Nº 4, do Vol 5, teve uma explicação dada, detidamente, na Carta Mensal, de Janeiro, que você deve ter lido: tivemos uma impressão gráfica abaixo do padrão que desejávamos e os nossos sócios merecem. Assim, em lugar de remeter uma publicação com defeitos, preferimos, no interesse dos nossos sócios, aguardar a reimpressão.

Quanto à sua "retificação" ao artigo de Rudolf Jenny, cremos que a palavra seria complementação, já que você não corrige erros, mas tão só indica a ocorrência de Stanhopea na Amazonia, o que o autor não nega, como você verá na seqüência do artigo, só que de outras espécies, valendo lembrar que o texto publicado cuida só de algumas espécies e não do gênero.

OrquídaRio

SOBRE PULCHRA

"Realmente está um trabalho lindo, primoroso, ótima impressão, excelentes fotografias, enfim um Anuário procurando resumir TUDO O QUE DE MAIS LINDO E NOTÁVEL SURTIU NA ORQUIDÓFILIA BRASILEIRA EM 1992.

Pelo menos foi o que ouvi várias vezes referente ao PULCHRA, que daria grande destaque às flores excepcionais que surgiriam no decorrer em cada ano no Brasil.

Por tais razões não compreendo NEM OS ORQUIDÓFILOS DO RIO

GRANDE DO SUL COMPREENDEM QUE:

PÁGINA Nº 05 — FOTO IV —
CATTLEYA INTERMEDIA:

Linda foto de uma for que já não mais figura nas coleções de Intermedias de vanguarda.

Vocês melhor do que nós sabem disso.

PÁGINA Nº 05 — FOTO V —
CATTLEYA INTERMEDIA VAR.
FLÂMEA:

Vocês sabem perfeitamente que Flâmeas melhores do que essas surgem anualmente e que são remetidas para os pontos de venda aos populares.

PÁGINA Nº 05 — FOTO VI —
CATTLEYA INTERMEDIA VAR.
CERULEA 'AQUINI':

Já totalmente superada, inclusive pelas fotos que você viu em sua última viagem a Osório a fim de visitar Sander.

PURPURATAS — LABIATAS — WANNERIIS — ETC ETC....:

Surgiram coisas lindas tanto nesse ano como no ano passado.

ONDE ESTÃO?

MAIS DA METADE DAS FOTOS APRESENTADAS SÃO DE PLANTAS ESTRANGEIRAS...

POR QUÊ?

Por que não dá mais espaço às nacionais? Ou às da América Latina?

Luis Carlos Petersen
Porto Alegre, RS

Um pouco da história que medeiou entre a concepção do nosso Anuário e a sua forma última, ajudará a entender os propósitos e finalidade de PULCHRA. A idéia inicial, que foi de João Paulo de Souza Fontes, emérito cultivador de Cattleyas, labiata autumnalis e loddigesii, era de um Anuário de Orquídeas brasileiras. No desenvolvimento do projeto, mudou-se a posição do adjetivo, passando a Anuário brasilei-

ro de Orquídeas, tal como está no subtítulo do N.º O. Por fim chegamos ao "O ano orquidófilo no Brasil", do N.º 1, considerando que o primeiro subtítulo, que não foi usado, seria demasiado limitante, já que no Brasil, não se cultivam só gêneros e espécies brasileiros. O segundo pareceu-nos ambicioso em demasia, ou com certo ar de coisa oficial, não nos tendo passado pela cabeça criar uma Orquidobrás. Ficamos com o terceiro, que nos parece mais modesto, embora mais apto a externar o propósito da publicação, que é duplo: salientar o esforço de cultivo para obtenção e exibição de belas flores (e beleza não tem pátria); também, o didático, de acompanhar o desenvolvimento dos padrões de beleza entre os nossos cultivadores, com vistas a desenvolver critérios próprios de julgamento, da OrquidaRio.

Claro que a publicação tem falhas e isto está dito com todas as letras na Apresentação. Tivemos e temos limitações de várias ordens que nos impedem de, como gostaríamos, visitar mais exposições e, até mesmo, coleções particulares. Outra limitação, já não tanto por culpa nossa, é a falta de remessa de fotografias, acompanhada de flores cortadas (exigência do regulamento de seleção). Passamos o ano fazendo apelos e sabe, caro Luiz Carlos Petersen,

quantas fotos e flores recebemos? Nenhuma.

Temos presente, no entanto, que a publicação de PULCHRA não foi em vão, como vemos na sua crítica, muito respeitável, o reconhecimento de que PULCHRA é um bom instrumento de difusão da beleza que se produz e cultiva no Brasil. Agora, a OrquidaRio tem que ser ecumênica, por que a orquidofilia brasileira é, hoje, assim. Não vemos porque não mostrar plantas estrangeiras, se elas são belas e são cultivadas por brasileiros. Aliás, entre brasileiras, 13, e latino-americanas, 5, está a maioria das 33 fotos publicada. Diríamos, até mesmo, que, como acontece com este generoso país, que absorve raças e culturas, todas as 33 são brasileiras, por origem ou adoção.

Esperamos ter a chance de, no número 2 de PULCHRA, poder ver, fotografar e exibir algumas das belas flores com que vocês queiram nos brindar, não esquecendo que uma das *Cattleyas intermedia*, que apresentamos e sofreu sua dura crítica, recebeu um Award of Merit, da American Orchid Society, AM/AOS, quando exibida na 2.ª Expointer, em São Paulo.

OrquidaRio

PERGUNTAS E RESPOSTAS



A comparação das fotos permite ver um dos sintomas mais evidentes da desordem provocada por vírus. A flor da direita, que, normalmente, tem sepálos e pétalas amarelo puro e labelo purpuro, apresentou pigmentação desordenada e deformações nos segmentos. Outra desordem que permite identificar a ocorrência de virose é a existência de mais de um polinário, um central e um, ou dois laterais. A flor é forte indicador da ocorrência de vírus, menos nas flores albas. Fotos de Álvaro Pessoa.

Pergunta — gostaria que ajudassem a identificar os sintomas de vírus em orquídeas.

Ademar Costa
Macapá, Amapá.

Resposta — Em trabalho da maior importância, dedicado exatamente ao tema, "Symptoms of virus diseases in plants" (Centre for Agricultural Publishing and Documentation, Wageningen, Holanda, 1978), o especialista L. BOS, chama a atenção para o pequeno desenvolvimento das pesquisas sobre as viroses nos vegetais, inclusive pelas dificuldades técnicas existentes, até bem pouco, de estudo, já que eram de difícil isolamento, não são retidos por filtros, não podiam ser purificados e estudados "in vitro". Dá a importância da sintomatologia, sobretudo no crescimento e desenvolvimento vegetal, chegando o autor a afirmar que muitas viroses só podem ser estudadas pelos seus efeitos sobre os vegetais e seus meios de transmissão.

Alerta, porém, que muitas doenças causadas por outros agressores, bactérias e fungos, por ex., podem apresentar sintomas semelhantes, só se podendo ter um razoável grau de certeza, através de testes de laboratório.

É por isso que, embora se recomenda, por inexistir cura, a incineração de orquídeas atacadas de viroses. É prática entre orquidófilos, isolar a planta suspeita de

ser portadora da doença, aguardando o crescimento de novo broto e floração (isto, é claro, em caso de se tratar de planta rara e de alto valor).

Os sintomas mais ostensivos são: definhamento da planta, por motivos não imputáveis ao cultivo, brotação nova, de porte menor e com deformidades, flores com deformações e alterações de pigmentação, influenciando nas cores. A folha é um importante indicador: flacidez e perda de substância, deformações, nervuras com cores diferentes, afundamentos sem motivo aparente, desenhos em forma de mosaico, anéis de cor escura etc.

Não são fáceis de identificar com certeza absoluta, os sintomas e como, pelo alto custo, não se justificam exames de laboratório, mais vale sacrificar a planta suspeita.

O autor, acima citado, faz referência, no seu livro, a tulipas que, no Século 17, eram vendidas por alto preço e retratadas como flores especiais, cheias de nuances de cor, pelos pintores holandeses, e que só eram assim por que atacadas por viroses.

As duas fotografias que ilustram permitem comparar uma flor sadia, com uma visivelmente produzida por planta virotica, Lc Amber Glow 'Magnificent' x Lc Chine Bouton d'or.

OrquidaRio

Pergunta — Quando replanto algumas orquídeas, as folhas (em geral, traseiras) enrugam e amarelam, ficando com aspecto muito ruim. Percebo que o broto da frente emite raízes, mas a planta continua desidratada. Como tratar dessas plantas? Às vezes as plantas “desidratam” mesmo sem serem replantadas e não mais voltam a ter o viço inicial.

Octávio dal Rio Jr.
São Paulo, SP.

Resposta — na sua consulta alguns dados importantes para ajudar-nos no diagnóstico, deixaram de ser incluídos. Tais como: onde e como cultiva suas plantas? Estufa coberta, ripado ou telado, dentro de casa, na varanda? O local é muito quente, no Verão, e é bem ventilado? A umidade relativa do ar é suficiente para que as plantas possam recuperar a água que perderam na transpiração ou no choque do replantio?

Nas perguntas feitas acima já se contêm algumas hipóteses que podem indicar as possíveis causas do seu problema. De qualquer modo com os poucos dados que nos forneceu, vamos tentar uma conjectura.

Acreditamos que a deficiência que você observa vem do sistema radicular e de deficiências nutricionais, que interagem. Provavelmente as suas plantas, por excesso de rega e substrato já decomposto, estão perdendo as raízes, que se tornaram incapazes de absorverem umidade e nutrientes, ou será que você as reenvasou em época imprópria, quando a planta estava em dormência vegetativa e, sem raízes, foi perdendo umidade e desidratando? Você as fertilizou segundo um programa adequado, de Primavera, época de vegetação ativa, Verão e Outono, para floração? Será, ainda, que, estando fracas e desnutridas, você não as deixou florir e ficaram floridas por tempo demais para a pouca energia de que dispunham?

Sobre rega, leia, nesse número, o artigo Secos & Molhados de Roberto Agnes e sobre cultivo de Cattleyas, o artigo do Alvaro Pessoa, no N.º 2, do Vol 3, de Orquídeário.

Para tratar plantas nesse estado, em consequência da conjectura que estamos fazendo, sugerimos colocá-las em lugar mais sombreado e fresco, procurando aumentá-lhes a umidade relativa do ar em torno da planta: sobre um prato ou bandeja com cacos de telha, ou pedra britada, cheia de água (mas a água não deve estar em contato com o vaso da planta). Use, também, borrifá-las, ligeiramente, com água, nas horas mais quentes. Quando a planta tiver melhorado, o que se vê pela reidratação, e estiver enraizando bem, inicie um programa de fertilização, fraca, inicialmente, com adubo foliar de manutenção, por exemplo 20:20:20, ou 10:10:10, em dose de 1/5 da recomendada pelo fabricante e vá aumentando, a cada quinze dias, até chegar à metade da dose recomendada.

Caso sinta a necessidade de trocar de substrato, use, nesses casos, musgo branco (esfagno) com vaso de barro.

Dê-nos notícias e, se for o caso, mais informações.

Orquídeário

Pergunta — ao desfazer vasos encontro no fundo um mofo branco ou amarelo, isso é fungo? Qual o tratamento?

Como fazer para combater “tatuzinhos”? Posso preparar solução estoque de inseticida ou de fungicida, para uso posterior?

Agda Rosa Santos
Uberlândia, MG.

Resposta — É fungo, sim, Agda, resultante de condições de cultura que propiciam o seu desenvolvimento: fundo de drenagem insatisfatório, substrato velho demais (o substrato deve ser trocado a cada 2 ou 3 anos, no máximo) e rega em excesso. Tratamento não é necessário, porque se você o localizou é por que estava desenvasando para reenvasar, substituindo o substrato, o que resolve o problema, bastando lavar bem a planta com água e sabão neutro, de coco, por exemplo.

Os tatuzinhos são combatidos com um inseticida ou acaricida sistêmico. Use regar, a cada 15 dias, por 3 vezes, em seqüência,

mas só o substrato da planta, ou então prepare uma solução num balde e imerja o vaso, não a parte superior onde está a planta, por 5 minutos, de cada vez. Deve resolver.

Não deve preparar solução estoque, primeiro porque é perigoso e tóxico e segundo porque vão os produtos químicos perdendo ação. Se você, como diz, tem poucas plantas por que não prefere os produtos em spray, que são vendidos em peque-

nas embalagens, isso os inseticidas: há, pelo menos, dois razoáveis, "O Jardineiro", à base de malathion e "Protector" para plantas, rótulo verde, à base de ácido crisantêmico. Fungicida é que não se encontra nesse tipo de embalagem, devendo ser dissolvido em água a cada uso: alguns, muito bons, no mercado: Benlate, Dithame, Saprol BR, Cerconyl.

OrquidaRio



Produtores de Orquideas e Plantas Ornamentais Ltda.

Especializados em híbridos de Cattleya de alto padrão.

Seedlings disponíveis, próximos de floração.

Peça nossa lista,
teremos muitos outros cruzamentos
de alta qualidade.



C. Francis T. C. Au 'Florália' x C. Princess Bells 'Betty's Bouquet'

Estrada Municipal de Itapema, 4415 Tel.: 475-1652.
C. postal 6 — CEP 08900 — Guararema, SP.

